



SABER, SUJEITO COGNOSCENTE, SUJEITO SUPOSTO¹, TRANSFERÊNCIA NO PROCESSO EDUCACIONAL

KNOW, SUBJECT COGNOSCENTE, SUBJECT OF THE SUPPOSED KNOWLEDGE AND TRANSFER IN THE EDUCATIONAL PROCESS

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos², Leonilse Saggin³, Eurico Fiaime Rodrigues⁴, Marcia Siqueira de Andrade⁵

e321123

<https://doi.org/10.47820/recima21.v3i2.1123>

RESUMO

Este artigo tem por finalidade abordar o saber, sujeito cognoscente, sujeito do suposto saber e a transferência no processo educacional. Parte da premissa de que a transferência e o saber são instâncias primordiais para o processo educacional. O que justifica esta pesquisa é a relevância do entendimento desses conceitos para atuação docente. O arcabouço teórico que sustenta este trabalho, parte do consenso de Aglio e Garcia (1997), Charlot (2000), Freud (1908 - 1910), Kupfer (2010), Lajonquière (1997), Lajonquière (2006), Monteiro (2002), o resultado alcançado foi compreender a noção de saber, sujeito cognoscente, sujeito do suposto saber e a transferência na educação. Por fim, o conceito de transferência com base freudiana permite a ampliação das discussões acerca da condução de um tratamento psicanalítico neste objeto.

PALAVRAS-CHAVE: Saber. Sujeito Cognoscente. Sujeito do Suposto Saber. Transferência na Educação.

ABSTRACT

The purpose of this article is to approach knowledge, cognizing subject, subject of supposed knowledge, and transference in the educational process. We start from the premise that transference and knowledge are primordial instances for the educational process. What justifies this research is the relevance of understanding these concepts for teaching. The theoretical framework that supports this work is based on the consensus of Aglio and Garcia (1997), Charlot (2000), Freud (1908 - 1910), Kupfer (2010), Lajonquière (1997), Lajonquière (2006), Monteiro (2002). Finally, the concept of transference with a Freudian basis allows the expansion of discussions about the conduction of psychoanalytic treatment in this object.

KEYWORDS: *Knowing. Cognitive Subject. Subject of Assumed Knowledge. Transference in Education.*

INTRODUÇÃO

Antes de mais nada, é preciso considerar a assertiva lacaniana de que suas modificações teóricas repousam sobre sua concepção da linguagem como aquilo que articula o inconsciente. O conceito de sujeito suposto saber, para nós, representa um desdobramento desta fórmula. Pretendemos demonstrar como. Tomemos o sujeito de que se trata. Facilmente recaímos no aspecto imaginário deste conceito, atribuindo o saber suposto ao analista, identificando assim o sujeito de que se trata na fórmula, à pessoa dele. Certamente está vertente se encontra presente na transferência e

¹ O sujeito suposto saber se refere ao conceito de inconsciente, relido a partir da submissão do sujeito à linguagem e tomado como fundamento da relação transferencial. ... Dessa forma, a transferência é percebida como interpretação e não como um fenômeno que a categoria do real permite abordar.

² Universidade de São Paulo - USP

³ Universidade Ibirapuera - CP

⁴ Universidade Ibirapuera - CP

⁵ Universidade Ibirapuera - CP



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SABER, SUJEITO COGNOSCENTE, SUJEITO SUPOSTO¹, TRANSFERÊNCIA NO PROCESSO EDUCACIONAL
Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos, Leonilse Saggin, Eurico Fiamé Rodrigues, Marcia Siqueira de Andrade

responde por uma série de práticas e intenções do analisante. Contudo, ela não se esgota em sua referência imaginária, estando sustentada por outra dimensão: “O saber que só se revela no engano do sujeito, qual pode realmente ser o sujeito que o sabe de antemão?” (LACAN, 2003, p. 337).

“Estacionamos um minuto no termo “novo normal”. Esse conceito não significa uma mudança na pedagogia educacional, mas como forma de sobrevivência, ou seja, como termo muito usado em jogos, acionamos o nosso “modo sobrevivência” e, essa concepção traz em si certo perigo quando o outro passa a ser uma ameaça a nossa sobrevivência, **quem silencia o sujeito na contemporaneidade**”? (SANTOS, 2021 Grifo do autor)

Kupfer (2010) contribui para o entendimento sobre a divisão consciente/inconsciente, também quanto ao fato do professor tomar para si a responsabilidade de educar aluno(a) e o fazer neste sentido por inteiro, não havendo distinção entre cognição e afeto. A autora ainda nos leva a depreender que quando emerge o sujeito em si há uma separação do outro tornando-se este(a) único(a), singular. “Quando há uma emergência de sujeito, há uma separação do Outro, de sua Lei, de seu desejo. O sujeito se mostra em sua marca singular, própria, característica” (KUPFER, 2010, p. 279).

Podemos entender por sujeito aquele que se sujeita a ser ensinado há em Kupfer (2010) explicação de que ao sujeitar-se a educação e a alfabetização este é mais bem inserido a sociedade, também uma alusão de sujeito que existe ao pensar na busca de conhecer a si próprio.

A ideia implícita é a de que a consciência está sujeitada a ela mesma para conhecer a si própria. Está, portanto, limitada por ela. Pensar em conhecer o sujeito do conhecimento, contudo, é ao mesmo tempo um passo em direção à noção de sujeito, digamos assim, livre. Daí que o sujeito cartesiano – penso, logo existo – é um sujeito que pode afirmar sua existência, sua força e sua liberdade (KUPFER, 2010, p. 267).

Kupfer (2010) colabora no entendimento de que a educação e a psicanálise são distintas entre si pela impossibilidade de aplicar a psicanálise na educação por obstáculos teórico-epistemofílico, porém havendo o entendimento de que podemos ensinar uma linguagem, uma cultura a um povo e ainda sim este continuar cultuando seus Deuses e suas crenças de forma oculta.

Em Análise Terminável e Interminável (Freud, 1937/1973), deixou clara a não coincidência entre os objetivos e os métodos de trabalho da educação e da psicanálise. Ensine-se o catecismo aos índios e eles continuarão adorando seus velhos deuses no fundo de seus quintais, escreveu Freud. (FREUD, 1937/1973, *apud* KUPFER, 2010, p. 266)

A liberdade que a psicanálise entende por inexistente no sujeito pode ser explicitada no fato deste sujeito estar preso a primeira educação, linguagem, cultura a que foi exposto ou sujeitado, um aluno meu de um curso profissionalizante de redes de computadores tinha uma característica interessante e pude percebê-la em uma aula de cálculos de números ip's (protocolo de identificação) de computadores em uma rede, trata-se de algo com um grau maior de dificuldade, este aprendiz não aceitava muito bem seus próprios erros e toda vez que errava os cálculos começava a proferir palavras em um dialeto que eu não entendia.

Quais experiências iniciais um sujeito pode ser submetido antes de chegar aos cuidados de um/a docente?



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SABER, SUJEITO COGNOSCENTE, SUJEITO SUPOSTO¹, TRANSFERÊNCIA NO PROCESSO EDUCACIONAL
Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos, Leonilse Saggin, Eurico Fiamé Rodrigues, Marcia Siqueira de Andrade

Na tentativa de responder a esta questão vamos nos apoiar inicialmente em Freud (1908) referente ao conceito de saber, este conceito pode explicar o que server de start para o interesse em assimilar os conteúdos passados por um outro em nossa primeira educação, temos então auxílio em Freud (1908) em entender o termo pulsão epistemofílica¹ ocasionada por uma motivação egoísta, uma necessidade de esclarecer os fatos com declínio do complexo de Édipo onde a criança se interroga de onde surgem os bebês, este fenômeno que a acompanhará pelo resto de sua vida é também o início do saber na vida humana o que poderá refletir-se também em educação formal exercida por um professor.

Assim, nos colocamos em pesquisa para este trabalho, com a intenção de depreender sobre saber, sujeito cognoscente, sujeito do suporte saber e a relação entres estes termos e a educação. É factível que o ser humano nasce como ser, mas somente com a interação e pelos cuidados de outro floresce como sujeito, e por mais que este tenha um consciente pode também externar em determinados momentos e situações do campo do inconsciente ao qual fora submetido segundo Kupfer (2010).

Desta maneira, há também a pretensão de entender sobre como o termo transferência interfere no processo educativo.

SABER

(...) participava eu de um desses saraus que dava Charcot; encontrava-me perto do venerado mestre, a quem Brouardel, pelo que parecia, contava uma muito interessante história do trabalho daquele dia. Ouvi no começo de maneira imprecisa, e pouco a pouco o relato foi cativando minha atenção: um jovem casal de terras distantes do Oriente, a mulher com um padecimento grave (neurose) e o homem impotente ou de todo inábil. “*Tâchez donc*” ouvi que Charcot repetia, “*je vous assure, vous y arriverez*”. Brouardel, que falava em voz mais baixa, devia ter expressado então seu assombro pelo fato de que em tais circunstâncias se apresentaram sintomas como os da mulher. E Charcot pronunciou imediatamente, com brio, as seguintes palavras: “*Mais dans des cas pareils c’est toujours la chose génitale, toujours... toujours... toujours!*”. E dizendo-o cruzou os braços sobre o peito e se vergou várias vezes dos pés à cabeça com a vivacidade que lhe era peculiar. Sei que por um instante se apoderou de mim um assombro quase paralisante e me disse: “Se ele o sabe, por que nunca o disse?”. Mas essa impressão logo foi esquecida; a anatomia cerebral e a produção experimental de paralisia histérica absorviam todo o meu interesse (FREUD, 1914d, AE, p. 13; SB, p. 23-4)

O start para o saber na mente humana se dá por necessidade, quando uma criança começa a se interrogar sobre como surgem os bebês, curiosidade motivada por uma urgência em compreender os fatos, com o declínio do complexo de Édipo a criança começa a se interrogar sobre como ela surgiu, o que o pai e a mãe podem esperar dela, porque estes vem a cuidar, a nutrir e despender esforços em prol de sua educação e conforme Freud (1908) esta necessidade de esclarecer os fatos se dá por uma motivação egoísta “O Impulso de saber das crianças não desperta aí de forma espontânea, como que

¹ Costuma-se referir ao conceito de **pulsão (Trieb)** como aquele que designa o limite entre o somático e o psíquico, um conceito-limite ou conceito fronteiro que, por alguns aspectos, assemelhar-se-ia à noção de instinto (**Instinkt**), mas, que, por outros, distinguir-se-ia radicalmente deste.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SABER, SUJEITO COGNOSCENTE, SUJEITO SUPOSTO¹, TRANSFERÊNCIA NO PROCESSO EDUCACIONAL
Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos, Leonilse Saggin, Eurico Fiamé Rodrigues, Marcia Siqueira de Andrade

por uma inata necessidade de causalidade, mas sob o agulhão dos instintos egoístas que as governam” (FREUD, 1908, p. 394).

Afinal na hipótese de surgir um bebê que possa tomar para si a atenção e os cuidados direcionados a criança que se interroga sobre terrível segredo pode no entender desta colocar em risco seus carinhos e cuidados. A este fenômeno, que segundo Freud (1908) vem a ocorrer na mente humana ainda na infância se dá o nome de pulsão epistemofílica, também citada por Freud (1908-1910) como “Instinto de Pesquisa”, outras formas de expressar utilizadas foram “Instinto de investigação” e “Sede de conhecimento”.

Ainda sobre a necessidade infantil de esclarecer os fatos sobre tal enigma, esta surge pela posição do adulto referente ao exposto anteriormente, isto estruturado e motivado por entendimento em Lajonquière (1997) quando a criança busca entender o que os adultos, neste caso seus pais esperam dela, neste momento começa a se formar na mente humana o censo de desejo de ideal que o outro espera no sujeito infantil que se questiona estabelecendo assim mais uma motivação para o saber.

Como vemos, quando o ideal é simbólico, o saber veiculado é um **saber-não-sabido**, pois, embora no horizonte se recorte uma razão de ser, o sujeito nunca virá a saber certamente sobre a diferença entre ser e dever ser o ideal, no seio da qual aninha-se o desejo, (LAJONQUIÈRE, 1997, p. 32).

O questionamento motivador deste fenômeno era antigamente explicado as crianças de forma a instigar a fantasia, explicações tais como: a cegonha que trouxe, os bebês surgem no rio explica Freud (1908), mas as explicações de um momento em diante não podiam mais satisfazer as interrogações da criança que acaba por perder a confiança nas explicações dos adultos e a dar início a sua própria ação de investigar por entender haver nisto segredo importante, logo a busca em saber.

Inicialmente a única certeza da criança, de forma tácita é ser habitual o pai e a mãe entrarem em um quarto todas as noites e somente saírem de lá no outro dia na maioria das vezes, em caso de nascer um novo bebê antes o corpo da mãe começa a mudar, ganhar maior volume conforme Freud (1908) a partir daí não é difícil que a criança possa estabelecer um nexos causal.

Agora sei que as mudanças sofridas pela mãe durante a gravidez não escapam ao atento olhar da criança, e que esta é perfeitamente capaz de, após algum tempo, estabelecer nexos correto entre o maior volume do corpo da mãe e o aparecimento do bebê (FREUD, 1908, p. 397).

Trata-se de uma concorrência potencialmente perigosa pois na concretização da hipótese de surgir um novo bebê a mãe poderá dispensar maiores cuidados para as necessidades deste e neste momento dá-se início a possibilidade de a criança desenvolver sua imaginação, suas conjecturas a partir de pequenas certezas resultantes de seus atos investigativos, e nisto pode haver a possibilidade de desenvolvimento do intelecto humano ainda em sua infância.

Atualmente isto pode não ocorrer mais exatamente da mesma maneira, pelo fato de uma conversa mais aberta sobre sexualidade com as crianças acontecer cada vez mais precocemente segundo Aglio e Garcia (1997), vindo a satisfazer a necessidade de saber sobre como surgem os



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SABER, SUJEITO COGNOSCENTE, SUJEITO SUPOSTO¹, TRANSFERÊNCIA NO PROCESSO EDUCACIONAL
Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos, Leonilse Saggin, Eurico Fiamé Rodrigues, Marcia Siqueira de Andrade

bebês, porém a possibilidade de confirmação sobre aquilo que os adultos vêm a explicar e a concorrência ainda podem despertar o exposto anteriormente.

Charlot (2000) dialoga com o saber, propondo definição de saber como algo que se dá por um conjunto de relações estabelecidas por um sujeito em relação a um objeto, pensamento, atividade, relação interpessoal, lugar, pessoa, situação, ocasião, obrigação.

Lajonquière (2006) em concordância com Freud (1908 – 1910), com Aglio e Garcia, a ainda com Charlot, nos brinda com o entendimento de que todo sujeito é desejanter segundo a psicanálise, dispõe sobre o ideal de “eu”, do que o outro espera de mim e o desejo do ideal de eu para o outro, concorda também que a formação do “ideal de eu²” se inicia também no declínio do Édipo no início da pulsão de saber por entender a criança ser importante saber o que os pais desejam dela.

SUJEITO COGNOSCENTE, SUJEITO DO SUPOSTO SABER E TRANSFERÊNCIA

Durante as aulas nesta disciplina foi possível compormos conhecimento de que sujeito cognoscente³ é o indivíduo capaz de adquirir e assimilar conhecimentos e que possui a capacidade de aprender, na educação formal em um escola há métodos, planos, didáticas aplicadas com o intuito de proporcionar e potencializar o ensino/aprendizagem, também a possibilidade de esperar do aluno(a) assimilação cognoscente, já o sujeito da psicanálise se é constituído por subjetividades, subjetividades estas que se iniciam cedo com o contato com o outro conforme Kupfer (2010).

É possível ainda, observar que as duas áreas, a educacional e a psicanalítica podem se auxiliar na formação, tanto do sujeito cognoscente, quanto do sujeito do inconsciente.

Dispondo agora referente ao sujeito cognoscente encontramos em Monteiro (2002) a possibilidade de entender outro sujeito em relação estabelecida com o sujeito cognoscente, a relação educacional, trata-se do sujeito do suposto saber, este sendo o professor.

Ainda segundo Monteiro (2002) a criança coloca o professor no lugar de sujeito do suporte saber, após colaboração encontrada na autora se faz possível postularmos também a possibilidade de isto ser transferencial pois os pais desta criança ou alguém com quem ela tem uma relação parental já foi criança e também já esteve em uma relação parecida, assim a criança já vai para escola ávido em busca de saber e espera encontra-lo no sujeito do suporte saber, o professor(a), encontramos concordância em Lajonquière (2006) referente também a dívida simbólica que aluno(a) passa a entender que tem na relação com este outro, o sujeito do suposto saber.

Atualmente por acreditarem na superioridade das teorias do desenvolvimento, nos manuais e especialistas em crianças, a imagem de sujeito do suporte saber do professor fica um tanto quanto

² O conceito de **ideal do eu** é um conceito polêmico. Em "Conferências introdutórias sobre psicanálise", de 1917, o **ideal do eu** passa a ser uma **sub-instância** do **eu** encarregada de uma consciência moral que permite avaliar as relações do **eu** com seu **ideal**.

³ O sujeito epistêmico é o próprio sujeito cognoscente, o que revela como o sujeito piagetiano é correlato ao sujeito da ciência moderna. Com efeito, no estudo da gênese e evolução dos processos cognitivos, a lógica progressiva aparece no nível do sujeito da mesma forma que está presente na história das ideias científicas. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/tZN9Hfpdm6nBvdNkwy4bJLJ/?format=pdf&lang=pt>



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SABER, SUJEITO COGNOSCENTE, SUJEITO SUPOSTO¹, TRANSFERÊNCIA NO PROCESSO EDUCACIONAL
Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos, Leonilse Saggin, Eurico Fiamé Rodrigues, Marcia Siqueira de Andrade

prejudicada ainda segundo Monteiro (2002), assim sendo se antes a indicação ou pedido de auxílio de um psicanalista referente a algum aluno(a) também poderá estar em descrédito, desta forma situação atual pode influenciar também na condição de sujeito para a psicanálise. Seguindo com a contribuição de Monteiro (2020) encontramos a possibilidade de tal problemática ser solucionada com professor se colocando atualmente em um novo lugar nesta relação de ensinagem.

Mesmo assumindo a posição de sujeito suposto saber atribuída pelo aluno, o professor deve renunciar à posição narcísica de ter todo o saber sobre o aluno e posicionar-se com o mediador. (MONTEIRO, 2020, p. 14)

Monteiro (2002) ainda contribui com ao expor que os pedagogos atuais acreditam que a transferência é algo que deve ser renunciada na relação entre o educador e o educando impossibilitando assim uma relação simétrica.

Para finalizar, lembramos mais uma vez que o sujeito suposto saber é o princípio constitutivo da transferência e que a pedagogia de hoje se posiciona de forma que ele seja invalidado e pervertido. Deduzimos daí que a transferência é algo que incomoda os pedagogos de hoje. De fato, ela inflige ao educador a renúncia da ilusão de estar na origem dos motivos afetuosos e hostis que lhe são endereçados e, então, revela a impossibilidade de uma relação simétrica (MONTEIRO, 2020, p. 16).

Notas Conclusivas

Após o exposto encontramos apoio em Kupfer (2010) para entender que o fato de nascer um ser humano não significa necessariamente que nasce um sujeito, que há uma interação com um outro, entende-se ser a mãe o primeiro outro com quem o sujeito que está surgindo tem contato, está lhe apresenta o mundo e vai aos poucos lhe inserindo na vida em sociedade.

Encontramos em Freud (1908 – 1910) entendimento sobre saber, que este pode ser também entendido como pulsão epitemofílica, pulsão do saber ou até mesmo sede de conhecimento, sendo esta motivada inicialmente na infância e que pode nos acompanhar pelo resto de nossas vidas, responsável pelo nosso desenvolvimento intelectual e abre possibilidade de ser parte do processo de construção do sujeito em Kupfer (2010), outros tais como: Aglio e Garcia (1997), Charlot (2000) e Lajonquière (1997) ainda nos auxiliaram no entendimento de saber. O que constitui a transferência, a partir de sua estrutura no sujeito suposto saber, é a "ilusão fundamental, estrutural, de que seu saber - o saber do inconsciente - já está todo constituído no psicanalista" (MILLER, 1987, p. 77). Miller ressalta que podemos identificar no texto freudiano a indicação do conceito suposto saber de Lacan, quando Freud destaca as condições para o início de uma análise.

Em Sobre o início do tratamento (1980/1913, p. 177), Freud adverte que devemos alertar o paciente desde o início para a regra fundamental da análise, que consiste em manter um discurso que se afasta de uma conversa comum, pela livre associação de ideias. A crença no inconsciente que o analista inaugura aqui é fundamental para que haja a experiência analítica, pela qual o sujeito "consente na posição do analista como Outro" (MILLER, 1987, p. 77). Contudo, ocupar o lugar do Outro



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SABER, SUJEITO COGNOSCENTE, SUJEITO SUPOSTO¹, TRANSFERÊNCIA NO PROCESSO EDUCACIONAL
Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos, Leonilse Saggin, Eurico Fiamé Rodrigues, Marcia Siqueira de Andrade

não é a função do analista, pois aí ele estaria invariavelmente se deixando guiar por uma identificação com o Ideal do eu do sujeito.

Ainda em Kupfer (2010) pudemos depreender sobre sujeito ser aquele que se sujeita a aprender e que existe sujeito cognoscente e sujeito do suporte saber sendo este último o professor, tendo em vista conceito que acabamos de expor é possível entender que sujeito do suporte saber também é factível de aprendizagem visto ser um sujeito, que ultimamente a transferência é algo que deve ser renunciada na relação entre o educador e educando por entendimento de pedagogos atuais conforme Monteiro (2020) impossibilitando assim uma relação simétrica.

Encerramos após exposto nesta conclusão, também nos apoiando em Lajonquière (2006) depreendendo sobre ideal de eu, desejo do que o outro espera de mim e assim inserimos estes termos e definições na educação, onde há a possibilidade de entendermos que conforme pedagogos atuais a transferência possa ser renunciada na relação entre o educador e aluno(a), porém ser possível também que esta não deixe de ser observada pelo sujeito do suposto saber, o professor(a), que este atualmente tem sua função mais ativa como mediador e é ainda possível que não tenha se extinguido com isto o desejo de ideal de eu na relação educando e educador mas sim de ter se expandido sendo possível também haver o desejo de ideal de eu na relação partindo do docente referente ao que o aluno espera dele e ainda haver uma dívida simbólica do educando com o educador quanto este atinge de forma positiva algo mais próximo do ideal de eu desejado pelos educandos.

Porém não podemos deixar de ressaltar a possibilidade de ser a subjetividade algo que deva ser levado em consideração ao estruturarmos planejamentos e métodos educacionais e assim levar em conta o sujeito no viés da psicanálise para melhor atingir seus objetivos referente ao processo ensino-aprendizagem ao formar o sujeito cognoscente, observar e não tentar aplicar a psicanálise em sala de aula sempre requisitando auxílio de profissional da área da psicanálise quando identificar necessidade para tanto, onde este profissional possa trabalhar em conjunto para melhor formação de sujeito para sociedade.

REFERENCIAL TEÓRICO

AGLIO, Débora Dalbosco e GARCIA, Cássia Leal Garcia. Uma experiência de educação sexual na pré-escola. **Paidéia FFLCLRP-USP**, Ribeirão Preto, fev./ago. 1997. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/paideia/n12-13/08.pdf>. Acessado em: 14 nov. 2020.

CHARLOT, Bernard. **Da Relação com o Saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

FREUD, S. **Construcciones en el análisis**. [S. l.: s. n.], 1937d. AE: 23, p. 255ss; SB: 23, p. 291ss (Título em alemão: "Konstruktionen in der Analyse", SA: Ergänzungsband [volume complementar]).

FREUD, S. **La interpretación de los sueños**. [S. l.: s. n.], 1900a[1899]. AE: 4-5; SB: 4-5; SA: 2.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SABER, SUJEITO COGNOSCENTE, SUJEITO SUPOSTO¹, TRANSFERÊNCIA NO PROCESSO EDUCACIONAL
Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos, Leonilse Saggin, Eurico Fiamé Rodrigues, Marcia Siqueira de Andrade

FREUD, S. **Sobre psicoterapia**. [S. l.: s. n.], 1905a[1904]. AE: 7, p. 243ss; SB: 7, p. 267ss (Título em alemão: "Über Psychotherapie", SA: Ergänzungsband [volume complementar], p. 107ss).

FREUD, S. "**Pegan a un niño**". Contribucion ao conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales. [S. l.: s. n.], 1919e AE: 17, p. 183ss; SB: 17, p. 225ss (Título em alemão: "Ein Kind wird geschlagen" (Beitrag zur Kenntnis der Entstehung sexueller Persionen)", SA: 7, p. 229ss.

FREUD, S. **Análisis terminable y interminable**. [S. l.: s. n.], 1937c. AE: 23, p. 211ss; SB: 23, p. 247ss.

FREUD, S. **Conferencias de introducción al psicoanálisis**. [S. l.: s. n.], 1916-17. AE: 15 e 16; SB: 15 e 16.

FREUD, S. **Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico**. [S. l.: s. n.], 1914d. AE: 14, p. 1ss; SB: 14, p. 16ss.

FREUD, S. **De la historia de una neurosis infantil**. [S. l.: s. n.], 1918b[1914]. AE: 17, p. 1ss; SB: 17, p. 19ss; SA: 8, p. 125ss.

FREUD, S. **El malestar en la cultura**. [S. l.: s. n.], 1930a[1929]. AE: 21, p. 57ss. (Título em alemão: "Das Unbehagen in der Kultur", SA: 9, p. 191).

FREUD, S. **Nuevos caminos de la terapia psicoanalítica**. [S. l.: s. n.], 1919a[1918]. AE: 17, p. 155ss; SB: 17, p. 201ss (Título em alemão: "Wege der psychoanalytischen Therapie", SA: Ergänzungsband, p. 239).

FREUD, S. **Recordar, repetir y reelaborar**: nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis, II. [S. l.: s. n.], 1914g. AE: 12, p. 145; SB: 12, p. 193.

FREUD, S.; BREUER, J. **Estudios sobre la histeria**. [S. l.: s. n.], 1895d. AE: 2; SB: 2.

FREUD, Sigmund. **Sobre as teorias sexuais infantis 1908**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 2 v.

FREUD, Sigmund. **Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci 1910**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 2 v.,

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a educação**: o mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1997. Disponível em: <https://ceadvirtual.mrooms.net/course/view.php?id=32560#section-5>. Acessado em: 06 set. 2020.

KUPFER, Maria Cristina. O Sujeito na Psicanálise e na Educação: bases para a educação terapêutica. **Educação e realidade**, v. 35, n. 1, 2010. Disponível em: <https://ceadvirtual.mrooms.net/course/view.php?id=32560#section-4>. Acessado em: 26 ago. 2020.

LAJONQUIÈRE, Leandro. Dos erros e em especial daquele de renunciar à Educação: notas sobre psicanálise e educação. **Estilos da Clínica**, v. 2, n. 2, 1997. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/estic/article/view/60716/63765>. Acessado em: 01 nov. 2020.

MONTEIRO, Elisabete Aparecida. A transferência e a Ação educativa. **Estilos da Clínica**, v. 7, n. 13, p. 12-17, 2002. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/estic/article/view/61039/64063>. Acessado em: 03 nov. 2020.

SANTOS, D. M. A. de A. P. dos. Teoria do caos e a não linearidade no contexto da pandemia diante da sensibilidade as ações humanas: uma reflexão sobre as mudanças educacionais. **Conexão ComCiência**, v. 1, n. 3, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/conexaocomciencia/article/view/5336>.